



Um redemoinho no rio do devir: algumas notas sobre o conceito de origem em Walter Benjamin

Gabriel Galbiatti Nunes*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas considerações a respeito do conceito de origem (*Ursprung*) para a concepção de história de Walter Benjamin, a partir de uma imagem, descrita pelo filósofo no texto “Diário de 7 de agosto de 1931 até o dia de minha morte”. Com este artigo tenho dois objetivos: primeiramente, pretendo demonstrar como a categoria da origem é, para Benjamin, a raiz central que sustenta sua concepção de história; ademais, pretendo, a partir do Prefácio do livro *Origem do drama barroco alemão*, desenvolver algumas considerações que auxiliem a compreender o modo como é possível se realizar uma análise histórica fundada no conceito de origem, desenvolvendo alguns significados que o autor aponta para a categoria.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Filosofia da História; Origem; Conceito de História; Epistemologia;

A swirl in the river of becoming: some thoughts about Walter Benjamin's concept of origin

Abstract: This article aims to present some considerations about the concept of origin (*Ursprung*) for Walter Benjamin's conception of history, based on an image, described by the philosopher in the text “Diary from August 7, 1931, to the day of my death”. With this article I intend to accomplish two things: first of all, I wish to demonstrate that the category of origin is, in Benjamin, the cornerstone upon which his conception of history is built; furthermore, I intend to search for tools that may help to understand the way in which a historical analysis is made

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: gabriel.galbiatti.nunes@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0820496417282003>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5763-7171>.

possible when grounded upon the concept of origin, by focusing on specific meanings therein concerning that category.

Keywords: Walter Benjamin; Philosophy of History; Origin; Concept of History; Epistemology.

Para poder apresentar o problema que será analisado neste artigo, começarei com a definição de algumas ideias presentes no último texto escrito por Walter Benjamin, as teses “Sobre o conceito de história” – um dos escritos mais políticos do autor, considerado por comentadores como o documento revolucionário mais importante desde as Teses contra Feuerbach (LÖWY, 2005, p. 17). As principais ideias do texto necessárias para este artigo estão sintetizadas na Tese XIII. A seguir, cito-a:

A teoria social-democrata, e ainda mais a sua prática, foi determinada por um conceito de progresso que não levou em conta a realidade, mas partiu de uma pretensão dogmática. O progresso, tal como o imaginavam as cabeças dos social-democratas, era, por um lado, um progresso da própria humanidade (e não apenas das suas capacidades e conhecimentos). Em segundo lugar, era um progresso que nunca estaria concluído (correspondendo a uma perfectibilidade infinita da humanidade). E era visto, em terceiro lugar, como essencialmente imparável (com um percurso autônomo de forma contínua ou espiralada). Qualquer destes atributos é controverso, e a nossa crítica poderia começar por qualquer um deles. Mas, quando as posições se extremam, a crítica tem de recuar até a raiz desses atributos e fixar-se num ponto que é comum a todos. A ideia de um progresso do gênero humano na história não se pode separar da ideia de sua progressão ao longo de um tempo homogêneo e vazio. A crítica da ideia dessa progressão tem de ser a base da crítica da própria ideia de progresso (BENJAMIN, 2019, p. 17).

Nesta tese, Benjamin esmiúça com uma clareza, até anormal para um autor de textos tão herméticos, seus pontos de crítica à teoria e à *práxis* do partido alemão de esquerda da década de 1930 – o partido socialdemocrata. Para o autor, a teoria e a prática socialdemocrata descansam sob conceitos que não levam em conta a realidade, mas que partem de pretensões dogmáticas. Este dogmatismo encontra-se infiltrado nas suas concepções teóricas do conceito de progresso. Nesta tese, são três os imperativos teóricos que condicionam este conceito: primeiramente, os socialdemocratas imaginavam que o progresso das capacidades e conhecimentos – isto é, o progresso técnico – representava, também, um progresso da própria humanidade; em segundo lugar, acreditava-se que este progresso nunca estaria concluído; por fim, havia a ideia de que o progresso era imparável, com um percurso autônomo, contínuo e independente da ação humana.

A partir destes imperativos teóricos, a esquerda criticada por Benjamin interpretava a realidade alemã – e não a partir daquilo que estava, de fato, ocorrendo. Logo no início desta tese, então, Benjamin já aponta para um equívoco do pensamento socialdemocrata que, em vez de interpretar a realidade a partir dela mesma, lê-a somente pela ótica dos princípios progressistas. Assim, a realidade não se explica pelo o que ela é, mas é determinada por conceitos que não são fundamentados nela mesma.

O equívoco teórico promovido pela socialdemocracia implica uma prática conformista. Benjamin, na Tese XI, aponta para o conformismo que se instala nas classes trabalhadoras quando estas pensam que caminham a marcha irrefreável do progresso. “Nada corrompeu mais as classes trabalhadoras alemãs do que a ideia de que elas estavam integradas na corrente dominante” (BENJAMIN, 2019, p. 15). Isto é, se a teoria parte do pressuposto de que o futuro está garantido, pois o progresso é irrefreável, as classes trabalhadoras podiam dormir descansadas, sabendo que alcançariam a resolução dos conflitos sociais presentes na sociedade alemã. De um ponto de vista da teoria, nada poderia impedir o progresso e, por isso, nada é necessário ser feito. Basta conformar-se às coisas como

estão e desempenhar seu papel na máquina imparável do progresso – eis a prática socialdemocrata alemã da época do autor.

Teoria determinista, que produz uma leitura dogmática da realidade, e prática conformista, incapaz de agir contra as forças que coibem a emancipação social, são consequências diretas do conceito de progresso, basilar à socialdemocracia – aqui, encontram-se os dois pontos centrais da crítica de Benjamin à esquerda alemã que se viu incapaz de derrotar o Nazismo.

Contudo, além de sintetizar a crítica política à teoria e prática socialdemocrata, na Tese XIII, Benjamin realiza um segundo movimento. Ele estabelece a ideia de uma progressão histórica por um tempo homogêneo e vazio como raiz comum de toda a crítica política presente no início da tese. Isto é, Benjamin indica o fato de que as imprecisões existentes nas análises teóricas e atividade prática da socialdemocracia alemã decorrem de uma assimilação de um conceito de história que vê um desenvolvimento no presente em relação ao passado. Benjamin, portanto, indica como ponto central da crítica política, a crítica a um conceito de história desenvolvimentista (ou, usando outros termos que aparecem nas teses, um conceito de história historicista).

Contra o tempo homogêneo e vazio de um conceito de história progressista, Benjamin propõe, na Tese XIV, o conceito de tempo-de-agora (*Jetzzeit*).

A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetzzeit*). Assim, para Robespierre, a Roma antiga era um passado carregado de Agora, que ele arrancou ao contínuo da história. E a Revolução Francesa foi entendida como uma Roma que regressa. Ele citava a velha Roma tal como a moda cita um traje antigo. A moda fareja o atual onde quer que se move na selva do outrora. Ela é o salto de tigre para o passado. Acontece que ele se dá numa arena onde quem comanda é a classe dominante. O mesmo salto, mas

sob o céu livre da história, é o salto dialético com que Marx definiu a revolução (BENJAMIN, 2019, p. 18).

Com o conceito de tempo-de-agora, Benjamin, neste texto, se vê capaz de expor ao leitor outro modo de relação conceitual com o passado. Em vez de uma concepção de história que considere um desenvolvimento da humanidade – tornando o passado apenas uma etapa da evolução contínua dos homens –, Benjamin propõe que uma análise histórica deve saber fazer com que o passado ecoe no presente – assim como Robespierre fez Roma ecoar na revolução francesa, ou como a moda torna atual um traje antigo. Ademais, um conceito de história que faz o passado ecoar no presente dita, segundo o autor, como fica claro no final desta tese, uma atuação política de fato revolucionária.

Aqui, chega-se a um cenário capaz de apresentar o problema que me levou a escrita deste artigo: como foi mostrado, no texto das teses há uma relação direta entre a formação de um pensamento político e a concepção de história que o fundamenta. De um lado, então, há uma concepção de história fundada num tempo homogêneo e vazio, pois, sendo a história uma progressão sequencial no decorrer do tempo, a experiência do passado apenas é causa do momento presente, sem se ver capaz de o tocar. Esta concepção resulta numa interpretação política de que a história da humanidade é a história do desenvolvimento dos homens e os problemas e injustiças do passado, por terem ocorrido em outras épocas, estão superados pelo progresso. De outro lado, Benjamin propõe uma concepção de história fundada no tempo-de-agora, isto é, numa concepção de tempo que seja capaz de iluminar os ecos do passado que ainda podem ser ouvidos no presente. Ademais, um conceito de história que seja capaz de realizar tamanha tarefa deve fundamentar uma verdadeira prática política revolucionária.

Não obstante, aqui, deparar-se-á com os seguintes problemas: quando Benjamin formula a crítica ao tempo homogêneo e vazio, ela torna-se possível graças à relação existente desta concepção de tempo com

o conceito de desenvolvimento. Isto é, a noção basilar de desenvolvimento é o que estabelece a possibilidade de teorizar um conceito de tempo homogêneo e vazio, pois é graças à ideia de que o passado está superado pelo desenvolvimento da humanidade, que o tempo presente não é preenchido, influenciado ou pensado a partir do passado. Portanto, é basilar a definição de desenvolvimento para que se possa construir um conceito de história que resulte num tempo homogêneo e vazio. Contudo, o conceito de tempo-de-agora, proposto por Benjamin no texto das teses não é apresentado junto a uma definição basilar que o possa sustentar. Ou seja, no texto das teses é possível compreender a crítica política contra a socialdemocracia alemã; também é possível compreender a crítica de Benjamin ao conceito de história que é alicerce deste pensamento político criticado pelo autor; ademais, a proposta de Benjamin – de um conceito de história que ligue passado e presente – é, também, clara; contudo, fica sem resposta à pergunta: como é possível fundamentar uma análise histórica que faça com que o passado toque o presente?

O problema, então, que o texto das teses parece deixar diz respeito a como podemos articular o passado com o presente, de modo a produzir uma análise histórica que fundamente a luta política. Isto é, será que Benjamin foi capaz de articular um modo de fazer uma análise histórica ou suas ideias vagaram apenas no terreno da crítica à socialdemocracia e ao historicismo? Minha hipótese é a de que, por mais que Benjamin não tenha discorrido exaustivamente sobre o assunto, encontramos como um possível suporte metodológico para o tempo-de-agora a categoria/conceito¹ de origem (*Ursprung*), desenvolvida no “Prefácio epistemológico-crítico”² do livro *Origem do Drama Trágico Alemão*.

¹ Apresento origem como categoria e conceito, pois Benjamin, no Prefácio, não faz distinção entre conceito de origem e de categoria de origem, mas os trata como sinônimos.

² Citado, a partir de agora, como Prefácio.

A fim de dar suporte a essa hipótese, quero apresentar uma imagem que Benjamin escreve em seu “Diário de 7 de agosto de 1931 até a data de minha morte”. Permite-me citar uma parte deste texto:

Ontem à noite, me reuni com Salomon e Holborn. A conversa girou em torno de problemas metodológicos para uma análise da história. Alguém citou uma excelente observação de Huizinga: A história (para o historiador comum) responde mais do que um sábio pergunta. Minha busca procura demonstrar uma concepção de história, na qual o conceito de desenvolvimento seria completamente reprimido pelo conceito de origem. O histórico, assim compreendido, não pode mais ser procurado no leito do rio de um decurso de desenvolvimento. Como, certamente, já constatei em outro lugar, ele passa a ser capturado não mais pela imagem do leito do rio, mas pela do redemoinho de água. Em tal redemoinho, aquilo que é anterior e posterior – a pré e a pós história de um episódio histórico, ou, melhor ainda, de um *status* histórico – giram em torno dele (BENJAMIN, 1985, p. 442-443, tradução nossa).³

Este parágrafo encontra-se recheado de informações que auxiliam a preencher lacunas deixadas por Benjamin no texto das teses. Como anteriormente apresentado, as teses – talvez por ser um texto mais político do que teórico – não se vê capaz de nos informar como realizar uma análise histórica que conecta o passado ao presente. Isto é, por mais que

³ Texto citado, a partir de agora, como Diário. Segue o original em alemão à frente: “Gestern Abend eine Zusammenkunft mit (Albert) Salomon und (Hajo) Holborn. Das Gespräch drehte sich um Methodenfragen der Geschichte. Es fiel ein ausgezeichnetes Wort von Huizinga: die Geschichte (der Durchschnittshistoriker) beantwortet mehr als ein Weiser fragt. Mein Versuch eine Konzeption von Geschichte zum Ausdruck zu bringen, in der der Begriff der Entwicklung gänzlich durch den des Ursprungs verdrängt wäre. Das Historische, so verstanden, kann nicht mehr im Flussbett eines Entwicklungsverlaufes gesucht werden. Es tritt, wie ich wohl schon an anderer Stelle bemerkt habe, hier für das Bild des Flussbetts das des Strudels ein. In solchem Strudel kreist das Früher und Später – die Vor- und Nachgeschichte eines Geschehens oder besser noch eines *status* um diesen” (BENJAMIN, 1985, p. 442-443).

nele conste uma crítica poderosa contra a socialdemocracia e seu conceito de história, assim como a apresentação de uma alternativa a estas ideias por meio de uma outra relação com o passado (pelo conceito de tempo-de-agora), as teses não nos oferecem o modo pelo qual uma análise histórica pode fazer ecoar o passado no presente. Contudo, uma proposta de solução a este problema pode começar a ganhar corpo a partir da passagem do Diário anteriormente citada: nela, Benjamin afirma, categoricamente, que busca formular uma concepção de história em que o conceito de origem (*Ursprung*) venha a reprimir o conceito de desenvolvimento (*Entwicklung*). Isto é, neste texto, Benjamin nos aponta qual categoria metodológica deve ocupar o papel de embasar sua concepção de história: a categoria da origem.

Ademais, a fim de contrapor as diferenças entre origem e desenvolvimento, o autor nos apresenta uma imagem. Nesta imagem, os eventos históricos nos aparecem como um rio. Cada concepção de história possui um modo específico de se relacionar com o rio dos acontecimentos: uma concepção de história enraizada no conceito de desenvolvimento vaga pelo leito do rio e segue apenas seu curso; ela não toca a água. De outro lado, uma concepção de história baseada no conceito de origem funciona como um redemoinho, em que a água do rio emerge para fora em seu turbilhão.

Até aqui, então, já é possível afirmar que, no pensamento de Benjamin – assim como aponta a hipótese trabalhada neste artigo –, o conceito de origem é o suporte metodológico que permite ao autor propor uma concepção de história que faça o passado ecoar no presente. Isso torna-se claro a partir da imagem: o redemoinho da origem, quando toca o rio, faz emergir passado e presente, que giram em torno do ponto central tocado por ele. Buscarei, então, a partir de agora esmiuçar o conceito de origem presente na imagem, com o objetivo de obter algumas considerações que tragam explicações mais precisas a respeito do modo como opera a categoria da origem.

Para dar início a esta busca, quero apontar para mais uma informação presente na citação do Diário: nela, Benjamin afirma já ter constatado a imagem que apresenta ali em outro lugar. Nos textos do autor, a imagem aparece também no Prefácio, que cito-a seguir: “A origem insere-se no rio do devir como um redemoinho que se apodera no seu ritmo do material produzido no processo de gênese”⁴ (BENJAMIN, 2020, p. 34).

Como se pode notar, tanto no Prefácio, quanto no Diário, a origem é apresentada como um redemoinho que é colocado sob o rio do devir – dos eventos históricos – e que se apodera do material que ele possui. Não obstante, o texto do Prefácio, diferente do Diário, procura esmiuçar o modo como a categoria de origem atua. Por isso, a partir de agora, buscarei demonstrar como a explicação da categoria de origem, presente no Prefácio, auxilia na compreensão de como formular uma análise histórica que seja fundada na concepção metodológica da história como um redemoinho.

Origem como categoria polissêmica

Há uma dificuldade dupla em explicar a função que o conceito de origem desempenha no Prefácio: ele não só é apresentado cumprindo uma diversidade de diferentes funções, como também é relacionado a outros conceitos presentes no texto que não possuem uma definição delimitada. Isto é, Benjamin parece mais atento em construir vias de iluminação e expansão do significado desta categoria do que em delimitar os limites do alcance do conceito de origem. Por isso, a proposta de estabelecer as

⁴ Texto traduzido por João Barrento, com algumas alterações minhas. Fiz a alteração para manter a imagem presente no texto em alemão e perdida pela tradução de João Barrento – que traduz *Fluß* por fluxo. O original em alemão: “Der Ursprung steht im Fluß des Werdens als Strudel und reißt in seine Rhythmis das Entstehungsmaterial hinein” (BENJAMIN, 1991, p. 226).

fronteiras da categoria de origem, na expectativa de esgotar o significado que o conceito desempenha no pensamento do autor, parece-me uma tarefa contraditória às ideias do filósofo. Posto isso, a partir de agora, buscarei apenas iluminar alguns sentidos que o conceito de origem toma no Prefácio, tendo em vista compreendê-lo como basilar para uma concepção de história que se comporte, em relação aos acontecimentos, como um redemoinho.

Para isso, usarei, como fio condutor de minha exposição, um resumo, escrito por Benjamin, das principais teses abordadas no livro *Origem do Drama Trágico Alemão*. Este curto resumo, solicitado por Hans Cornelius, quando Benjamin submetera sua candidatura à *Habilitation* (BARRENTO, 2020, p. 331), é um texto composto por nove sentenças que trazem explicações sucintas dos conceitos principais presentes no livro. A quarta sentença é dedicada integralmente ao conceito de origem. Tomo a liberdade de citá-la:

Define-se o conceito de origem: embora seja uma categoria em todos os sentidos histórica, a “origem” não tem, no entanto, nada a ver com gênese. O conceito de origem não se refere ao devir de algo que nasce, mas antes a algo que emerge do processo de devir e esgotamento. A origem está no rio do devir e o seu ritmo arrasta para a torrente os materiais da gênese. O que vem de uma origem nunca se dá a conhecer no inventário nu e óbvio do factual, e o seu ritmo abre-se apenas a uma dupla perspectiva. Esta pede, por um lado, para ser reconhecida como restauração, enquanto reconstituição, e por outro lado, nesse contexto, como algo que é imperfeito e inacabado. Daí que surjam, no decurso do trabalho, excursos sobre o drama trágico posterior e sobre tendências medievais aparentadas com o drama barroco. Desta definição lógico-histórica da noção de origem não deve, porém, extrair-se a consequência de que todo o “fato” do passado deva desde logo ser tomado por um momento decisivo para a definição da essência. Pelo contrário, é aí que começa a tarefa do investigador: ele só deve interpretar tais fatos como

definitivos desde que eles tragam em si o inconfundível parentesco de essência com momentos anteriores ou posteriores (BENJAMIN, 2020, p. 257-258).

A partir desta citação, pode-se, então, identificar a presença de diversos significados que o conceito de origem assume. A seguir, buscarei analisar os seguintes sentidos desta categoria apresentados na citação: primeiramente, demonstrarei porque Benjamin insiste na diferenciação entre o conceito de origem e de gênese; com isso, pretendo tornar claro o motivo pelo qual Benjamin afirma que a origem não pode ser visualizada no factual, isto é, no próprio acontecimento histórico; ademais, dedicar-me-ei, também, a tornar clara a dupla perspectiva que Benjamin atribui ao ritmo da origem, isto é, analisarei porque Benjamin afirma que o ritmo da origem se abre tanto a um movimento de restauração, quanto ao fato de ele ser incompleto e inacabado; por fim, pretendo me dedicar a uma análise do que leva o autor a compreender que a origem capta, como afirma no resumo citado, momentos passados e futuros daquilo que ela coloca em foco.

Origem e gênese

A insistência de Benjamin em diferenciar os conceitos de gênese e origem deve-se a seu esforço em evidenciar que aquilo que é narrado por uma história fundamentada pela categoria de origem não diz respeito ao passado num sentido cronológico. Isto é, por mais que origem se apresente como uma categoria histórica que exige rememorar o passado, ou seja, que solicita pelo retorno em direção a um acontecimento do passado, ela não se refere a um acontecimento cronologicamente determinado.

A gênese é aquela que, para Benjamin, marca o momento cronológico em que um evento histórico inicia seu processo de devir, até alcançar seu fim. Isto é, a gênese marca o início de um fato histórico, que vem a se desenvolver no decorrer do tempo. De outro lado, a categoria da

origem proposta por Benjamin, não é algo visível no enredo atravessado por um acontecimento histórico. A origem é, para Benjamin, “Antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer” (BENJAMIN, 2020, p. 34), ou seja, a origem não diz respeito ao próprio evento histórico, ou ao seu processo de desenvolvimento, mas sim a algo que nasce a partir dele.

Por isso, Benjamin insistirá, no Prefácio, que o “Que é próprio da origem nunca se dá a ver no plano do factual, cru e manifesto” (BENJAMIN, 2020, p. 34), pois seu conteúdo é, antes, algo que, a partir de um fato, de um evento histórico, ganha vida. Assim, a categoria de origem não busca sustentar um modo de análise histórica preocupada em determinar como começam e terminam os acontecimentos históricos no decorrer dos anos, mas sim, busca compreender as ideias que emergem do devir destes eventos históricos. É justamente pelo fato de a origem tratar das ideias que surgem do processo de devir iniciado na gênese dos acontecimentos históricos – e não de como eles transcorrem pelas épocas – que Gagnebin, em seu livro *História e Narração em Walter Benjamin*, caracteriza o conceito de origem como uma relação com a história em termos de intensidade e não de cronologia (GAGNEBIN, 2013, p. 8). Isto é, a origem trata da força intensiva com que ideias se relacionam com os eventos históricos, não sobre o modo como estes eventos se desenvolvem no decorrer dos anos. A busca, então, não é por retomar um acontecimento histórico tendo em vista deduzir suas causas e consequências. O que se procura, então, é a compreensão das ideias que se originam no decorrer do processo histórico.

Por isso, buscarei, a partir de agora, analisar como Benjamin, no Prefácio, visualiza as possibilidades de apreender e compreender as ideias que emergem do devir dos eventos históricos.

Origem e ideia

A proximidade com que Benjamin pensava o conceito de origem e de ideia é tão grande que, numa primeira versão do Prefácio do livro, chegou a afirmar que a “origem é a ideia” (*apud* MACHADO, 2004, p. 86) – frase que não se repete na versão final do texto, publicada em 1928. Na verdade, a versão publicada do Prefácio não dedica uma separação distintiva entre o conceito de origem e de ideia. Estes dois conceitos parecem ora poderem ser assumidos como sinônimos, ora parecem tomar um significado próprio. Os contornos que podem mostrar as semelhanças e diferenças entre os dois conceitos parecem se delimitar com maior clareza em mais uma passagem do Diário. Cito-a abaixo:

Por isso, os verdadeiros objetos de tal concepção de história não são determinados por um acontecimento, mas sim pelas ideias imutáveis, de caráter conceitual ou erótico, por exemplo, o sistema agrário russo, a cidade de Barcelona, o deslocamento da população do Marquesado de Brandemburgo, as abóbadas de berço, etc. (BENJAMIN, 1985, p. 443, tradução nossa).⁵

A partir desta citação, percebe-se que uma ideia é compreendida por Benjamin como uma estrutura imutável, formulada no passado e que pode ser acessada pelo conceito de origem. Origem, então, toma o caráter do modo como é possível acessar e apresentar uma ideia que nasceu em algum momento histórico. Ideia como estrutura imutável; origem como modo de apreensão e apresentação da ideia⁶. Estas são as diferenças

⁵ Segue, à frente, o original em alemão: “*Die eigentlichen Gegenstände einer solchen Geschichtsauffassung sind daher nicht bestimmte Ereignisse sondern bestimmte unwandelbare status begrifflicher oder sinnlicher Art: also die russische Agrarverfassung, die Stadt Barcelona, die Bevölkerungsverschiebungen in der Mark Brandenburg, das Tonnengewölbe u.s.w.*” (BENJAMIN, 1985, p. 443).

⁶ Machado, em seu livro *Inanênciam e História*, apresenta uma definição do conceito de origem que marca bem a relação entre origem e ideia. Segundo o autor, “Origem (*Ursprung*) pode ser entendida como salto originário (em alemão *Ur* significa originário e

existentes entre os dois conceitos. Todavia, ao mesmo tempo, tratam-se de conceitos muito semelhantes, pois ambos versam sobre aquilo que, no desenrolar da história, emerge dos acontecimentos como ideia imutável.

Portanto, dado o fato de origem e ideia serem dois conceitos essencialmente emaranhados, não buscarei, neste artigo, apontar com maior precisão o que definem os limites de cada um deles. Pelo contrário, meu interesse passará, a partir de agora, a compreender como Benjamin, no texto do Prefácio, torna possível que uma ideia venha a emergir do rio do devir. Isto é, pretendendo, a partir de agora, analisar como Benjamin estabelece a relação entre uma ideia e os fatos históricos que a tornaram possível, ou, nos termos presentes no Prefácio, como pode uma ideia salvar os fenômenos presentes no rio do devir?

Responder a esta questão – quando nos debruçamos sobre o significado do conceito de origem para o autor –, parece mais importante do que delimitar os limites das funções cumpridas pelos conceitos de origem e ideia para Benjamin, pois, com a resposta a esta pergunta, teremos a compreensão de como é possível que algo venha a emergir dos eventos históricos – o que é, por excelência, aquilo que se busca ser alcançado pelo redemoinho da origem.

Para responder a esta questão, no Prefácio, Benjamin estabelece para o conceito a tarefa de mediador entre os fenômenos e uma ideia. Cabe, aqui, o apontamento de que conceito, no contexto do Prefácio, assume um significado atípico do seu comum, que precisa ser iluminado. Conceito, para Benjamin, não significa aquilo que encontra um denominador comum entre diferenças. Ademais, os conceitos também não são responsáveis por determinar as leis das coisas, explicando o modo como elas operam.

Sprung salto) como um salto desvincilhando-se do vir-a-ser para dentro do ser. Ou seja, [...] se trata [...] da interrupção momentânea do vir-a-ser, na qual uma ideia se constitui, se apresenta e entra em repouso” (2004, p. 89). Ou seja, acompanhando a definição apresentada por Machado, origem diz respeito ao modo como acessar uma ideia imutável que surge no desenrolar da história.

No Prefácio, Benjamin apresenta uma dupla tarefa a que os conceitos devem cumprir: eles são, de um lado, responsáveis por salvar os fenômenos particulares na ideia; de outro lado, devem, também, ser aqueles que tornarão possível que a ideia seja apresentada.

Os conceitos são responsáveis por salvar os fenômenos, pois são eles que “Dissolvem as coisas nos seus elementos constitutivos” (BENJAMIN, 2020, p. 22). Isto é, cabe aos conceitos a tarefa de separar os fenômenos em fragmentos e conservar a constituição de suas particularidades. O conceito, então, é o responsável por coletar a particularidade do fenômeno – aquilo que nele há de desigual, de extremo, de peculiar ou estranho. Ele captura aquilo de particular que um fenômeno – um evento – possui e que escapa a uma classificação e que, por isso, precisa ser salvo – incluído, nomeado – na unidade que se forma na ideia. Um conceito, então, fixa em si uma particularidade, um elemento do fenômeno, que participa da ideia. Por isso, os conceitos são os locais privilegiados em que os elementos dos fenômenos serão fixados em sua própria particularidade.

Os elementos dos fenômenos, captados pelo conceito, apenas podem ser salvos se forem incluídos numa ideia. Isto é, as particularidades dos fenômenos, fixadas nos conceitos, apenas serão salvas quando forem organizadas formando o contorno de uma ideia – assim como fragmentos de vidro são organizados para formar um mosaico. As ideias, para Benjamin, são unidades de sentido que podem ser compreendidas como constelações. Como afirma o autor, as “Ideias são constelações eternas, e se os elementos se podem conceber como pontos em tais constelações, os fenômenos estão nelas simultaneamente dispersos e salvos” (BENJAMIN, 2020, p. 23). Isto é, os conceitos possuem a tarefa de captar os elementos particulares dos fenômenos e organizá-los numa estrutura que não apague suas características mais extremas, diversas, mas que os tencione na constelação formada, que possa ser compreendida em sua unidade por meio da contemplação. No exercício contemplativo, os fenômenos estão

salvos, pois cada elemento é um ponto da constelação e pode ser visto, apresentado e nomeado.

Assim, Benjamin define como é possível aos conceitos salvar os fenômenos – ou, precisamente, os elementos dos fenômenos – numa ideia: os elementos dos fenômenos devem aparecer numa ideia assim como as estrelas aparecem numa constelação. Todavia, além da função de salvar os fenômenos, os conceitos também se veem responsáveis por apresentar as ideias. A apresentação das ideias – ou, em como também aparece no Prefácio, apresentação da verdade – é o método proposto por Benjamin para a atividade da filosofia. Ela é característica de um constante exercício de retorno à coisa mesma, contemplando-a, analisando cada um de seus elementos, de modo a formar uma visão total que não apague ou exclua as tensões, contradições e particularidades que possui. É uma proposta de que se gire em torno dos fenômenos, realizando um exercício de análise que permite à ideia em foco se apresentar a si mesma para o investigador.

Este mergulho contemplativo na ideia, que busca apresentar suas características, marca o que Benjamin tratará como a história natural das coisas. Com a noção de história natural, Benjamin retoma, segundo Gagnebin,

[...] o termo grego de história, pesquisa, informação, relatoria, um termo que designa uma atividade de exploração e de descrição do real sem a pretensão de explicá-lo. [...] A história repousa numa prática de coleta de informações de separação e exposição dos elementos, prática muito mais aparentada àquela do colecionador, figura-chave da filosofia e, também, da vida de Benjamin, do que àquela do historiador no sentido moderno que tenta estabelecer uma relação causal entre os acontecimentos do passado. Os objetos dessa coleta não são anteriormente submetidos aos imperativos de um encadeamento lógico exterior, mas são apresentados na sua unicidade e na sua excentricidade como as peças de um museu (2013, p. 9-10).

Ou seja, assim como num museu, em que as peças particulares de alguma exposição estão expostas formando um conjunto que se relaciona com alguma época histórica, uma ideia é apresentada pelos conceitos a partir da exposição dos elementos dos fenômenos distribuídos nela. Temos, então, o modo como se dá a relação de uma ideia com seus fenômenos originários: para a exposição de uma ideia, não há a necessidade de um nexo cronológico entre os acontecimentos, mas busca-se o modo pelo qual eles estabelecem uma relação intensiva com a ideia. Pela via do conceito, então, é feita a explicação tanto de como uma ideia pode ser apresentada quanto do modo como o conceito capta os elementos relacionais dos fenômenos para serem salvos na ideia.

Com isso, torna-se possível responder à pergunta anteriormente lançada: como é possível que os fenômenos, presentes no rio do devir, sejam salvos numa ideia? A resposta a esta pergunta, como buscou-se demonstrar, é por meio da dupla função que Benjamin atribui como tarefa dos conceitos. É por meio deles que é possível que se forme a estrutura imutável da ideia, preenchida pelos elementos dos fenômenos, fixados nela. Tendo em mente o modo como é possível que algo venha a emergir do rio do devir e formar uma ideia, pretendo, para encerrar este artigo, voltar-me novamente para as definições da categoria da origem, apresentadas por Benjamin no resumo anteriormente citado, com o objetivo de jogar alguma luz sob elas.

Primeiramente, pretendo retomar o texto do resumo escrito por Benjamin tendo o escopo de compreender porque o autor trata o ritmo da origem como uma restauração e, também, como algo incompleto e inacabado. Sendo a origem uma apresentação de uma ideia, ela cumpre um papel de restituição, pois, em sua manifestação, ela é capaz de reconhecer alguma particularidade do fenômeno que havia sido esquecida, silenciada, deixada sem nome. Isto é, no ato de nomear, de identificar, de reconhecer um elemento do fenômeno, o emergir desta particularidade na apresentação faz com que a origem seja um modo de restauração de algo que havia sido perdido, esquecido – que não estava evidenciado na ideia.

Fazendo uso da imagem da constelação, apresentada por Benjamin no Prefácio, a origem cumpre um papel de restauração quando faz brilhar com maior intensidade uma linha entre estrelas – um elemento do fenômeno, salvo num conceito – que estava apagada.

Ademais, o ritmo da origem é sempre imperfeito e inacabado. A fim de compreender esta definição da categoria de origem, quero propor uma analogia – já presente, anteriormente, neste artigo: se a ideia for tratada como a exposição de um museu e os elementos dos fenômenos como as peças desta exposição, então, pode-se compreender como o ritmo da origem é sempre incompleto e inacabado. Para isso, basta pensar que sempre será possível a constante ampliação, alteração e reorganização da exposição, transformando e ampliando, assim, o significado que dela emerge. Por isso, o ritmo da origem é imperfeito e inacabado: pois, a cada nova apresentação da ideia, emergirá uma nova configuração, que modifica, reordena ou amplia o significado da compreensão anterior.

Novamente, fazendo uso da imagem benjaminiana da constelação, a origem – responsável por captar a constelação – é sempre inacabada e incompleta, pois não há garantia de que todas as estrelas que foram iluminadas pelo movimento da origem sejam, de fato, todas as estrelas que podem estar circulando uma ideia.

Contudo, não é só pelo fato de que podem haver estrelas ainda não iluminadas numa constelação que faz com que a origem tenha um ritmo incompleto e inacabado. A fim de completar esta definição, torna-se necessário voltar-se, primeiramente, ao último apontamento que pretendo empreender sobre o conceito de origem: o fato de toda origem relacionar fatos do passado e do futuro do momento histórico que coloca em foco. Isto é, como já exposto, uma ideia é uma imagem fixa, que se relaciona com os eventos históricos não cronologicamente, mas sim intensivamente, ou seja, os elementos dos fenômenos apenas se relacionam com uma ideia à medida que são capazes de se agrupar em torno dela. Por isso, acontecimentos do passado, do presente e do futuro se misturam na composição da ideia. Daí, a afirmação de Benjamin no resumo de que, em

seu estudo sobre o drama trágico alemão do século XVI, encontram-se excursos sobre o drama barroco posterior e sobre tendências medievais anteriores: pois uma ideia nunca está encerrada no passado, mas vibra constantemente. Com isso, toda ideia que pode emergir da história, possui pré e pós história, sendo na pós história possível acessar seus ecos até o momento presente.

Assim, a possibilidade de que uma ideia do passado ecoe até os dias de hoje faz com que o ritmo da origem seja sempre incompleto e inacabado – pois a ideia pode receber novos elementos tanto quando relida sua história, quanto quando vista no presente.

Por isso, a origem é sempre restauração, incompleta e inacabada, de uma ideia: pois é por meio da categoria da origem que Benjamin tornará possível que uma ideia, pensada no passado, possa ainda ecoar no presente, sob novos elementos – assim como a moda, que, pelo salto de tigre em direção ao passado, fareja e encontra aquilo que há de mais atual.

Referências

- BARRENTO, João. Comentário. In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- BENJAMIN, Walter. Tagebuch vom siebenten August neunzehnhunderteinunddreissig bis zum Todestag. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, VI. Frankfurt: Suhrkamp. 1985.
- BENJAMIN, Walter. A vida dos Estudantes. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Ursprung des deutschen Trauerspiels. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*, I – I. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. *Imanência e história: a crítica do conhecimento em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Data de registro: 26/09/2022

Data de aceite: 30/08/2023